

# Cantar de nova Gesta



A enxada entrando  
na crosta da terra,  
tange o sacro salmo  
das chagas que abre na gleba,  
e nos peitos...

A charrua e o arado, riscando-lhe a pele,  
compõem o poema,  
que os cavadores cantam:  
pois só seus ouvidos o ouvem,  
seus olhos o lêem...

A grade  
—igualando os torrões e os grãos encobrimdo—  
como difere daquelas  
a que homens maus nos prendem:  
proibindo sementes  
que brotam de aimas irmãs...

—Ai! Se alguém os mondasse  
quais ervas daninhas!...

...e as foices ceifariam  
os trigos de todos...

...e as espigas e os frutos maduros,  
ao ritmo dos utensílios  
e das vozes dos trabalhadores,  
ergueriam novo cântico  
à fecunda Natureza!

ARQUIMEDES

# O entêrro do Varêta

As pessoas a verem e a rirem (parecia as fitas mudas do  
Charlot)

E a tirarem o chapéu porque lhes ensinaram que se tire o  
chapéu quando um entêrro passa.

Mas aquilo é um entêrro?

Os homens a andarem muito apressados  
com uns fatos remendados, ridículos e sujos,  
e a correrem, a correrem, e a falarem alto,  
e o calção tórto (uma lástima),  
sem graça, sem cruz, e sem padre...

São 10, são 20, a dizerem do Varêta  
as coisas que o Varêta tinha dito e tinha feito.

E até diziam que a máquina que tinha tirado a cabeça ao Varêta  
tirara o braço ao Macário e o olho ao Rôla.

—(Os filhos do patrão ouviram dizer ao jantar que as fazendas  
tinham saído manchadas por causa dum estúpido operário  
que metera a cabeça numa roda

e morrera, bem feito!

e se perdera muito dinheiro).

Lá vai o entêrro a correr, a correr...

e uma menina atrás com uns olhos azuis

e um punhado de lírios brancos nos braços magrizelas

—a única recordação que o Varêta deixou para uma rua do  
Siriri qualquer.

BRANCO FERREIRA

## (Continuação da página anterior)

Weill, seu antigo camarada do front. Tudo isto desnorteia os antigos soldados. Mais que a sífilis, o que impele Luís Breyer ao suicídio é o desgosto profundo da sua incapacidade perante a vida. E contudo Breyer sabia o que era o mundo e contra o que é que se devia lutar. Outros, porém, casam e vegetam, conformistas. De todos a guerra fez homens sabendo só agarrar-se ao momento que passa e não olhando para o futuro com vontade de o dominar. Ernesto, o personagem que conta o livro diz: «Tem de haver, necessariamente, uma base em que possamos construir as nossas vidas». O livro resume-se na procura dessa base. E a que Ernesto encontra, no fecho do livro é tão abstrata que não deixa margem para uma interpretação profunda do que quer. Para o fim do livro vemos a juventude alemã de novo militarizada, preparando-se para servir interesses em novas carnificinas.

Por último, Remarque escreveu «Camaradas»—de que, como das suas anteriores obras, se fez um filme—onde Remarque fixa bem o sentimento de camaradagem que une os antigos combatentes Otto, Gotfried e Robly. Vivendo sem saber para quê, não procurando um fim, é o sentimento que os une, que os apoia mutuamente, que faz com que Otto venda o automóvel, a quem queria como um amigo, para que Robly possa pagar o sanatório; que faz com que Gotfried seja vingado; que os faz viver de alguma maneira. Eles mesmo dizem serem «homens que não sabem o que fazer da vida—por isso se alegram pelo facto de ainda viverem».

A guerra obseca ainda os personagens de Remarque. Um exemplo, entre tantos: é Robly que conta o livro e, falando da chuva diz «um golpe de vento fez crepitar a chuva de encontro à janela. Dir-se-ia o barulho de metralhadoras longínquas». O escritor continua a estudar a geração que «prefere fracassar a conseguir, prefere jogar a vida, esmigalhá-la,

perdê-la, a deformar ou mesmo esquecer a inacessível imagem... a imagem que ela traz no coração, indelével, gravada nas horas, nos dias e nas noites em que nada houve senão isto: a vida e a morte, unas». A própria causa da tuberculose que vítima Patricia Holman é a guerra: subalimentação no período de crescimento.

E' esta a última obra de Remarque. Dos seus livros levanta-se viva uma geração aniquilada, sacrificada aos interesses inconfessáveis de meia dúzia de homens, às lutas do dinheiro, às ambições dos generais. Morta, esmigalhada no front, ou viva ainda a lutar consigo e com o melo, mas sem fim concreto. Na sua obra há o mais profundo humanismo. O seu defeito principal é não dar um rumo construtivo ao seu pacifismo de modo a evitar novas guerras. E' um pacifismo platónico, a-pesar-do juramento feito aos mortos em «A Oeste Nada de Novo» de lutar contra a guerra. Mas lutar contra a guerra em si, nada é. Há uma ausência de fim, expressa no mesmo livro, na luta contra a guerra, um desnorteamento: «os dias, as semanas, os anos de front ressuscitarão na sua hora e os nossos camaradas marcharão connosco. As nossas cabeças estarão lúcidas, nós teremos um fim e também marcharemos com os nossos camaradas mortos e, atrás de nós, os anos de front. Nós marcharemos... contra quem, contra quem?» E' esta ausência de objectivo, mau grado o conhecimento dos verdadeiros fautores da guerra, que é, assim, inexplicável e que torna, em parte, a sua obra prejudicial, porque cria um terror expresso na frase tantas vezes ouvida—«tudo, menos a guerra»—que provoca um espirito de aceitação que se manifestou dolorosamente em certos sectores da população de todo o mundo, quando da crise de Munich.

RUI MONTEIRO